

As Iniquidades Flagrantes dos Desequilíbrios Globais

por Terry McKinley, Diretor interino, Centro Internacional de Pobreza; e
por Alex Izurieta, Pesquisador Visitante no CIP, Cambridge Endowment for Research in Finance

Não há precedente ao enorme tamanho dos atuais desequilíbrios econômicos globais. Tais desequilíbrios são tanto insustentáveis quanto desiguais (ver, no sítio do CIP na internet, a página "O Estado da Economia Mundial", por exemplo: *Working Papers* No. 12 e No. 23).

Alguns países ricos têm mantido elevados déficits em conta corrente. Um em particular, os Estados Unidos, possuem um déficit 3,5 vezes superior à soma dos déficits dos outros países da OCDE.

Ao mesmo tempo, alguns países ricos e de renda média (Japão, Alemanha, China, Arábia Saudita e Rússia) estão mantendo elevados superávits em conta corrente. Dentre estes, encontram-se os grandes produtores de petróleo e os exportadores asiáticos de manufaturas de baixo custo, os quais depositam seus superávits nos países ricos.

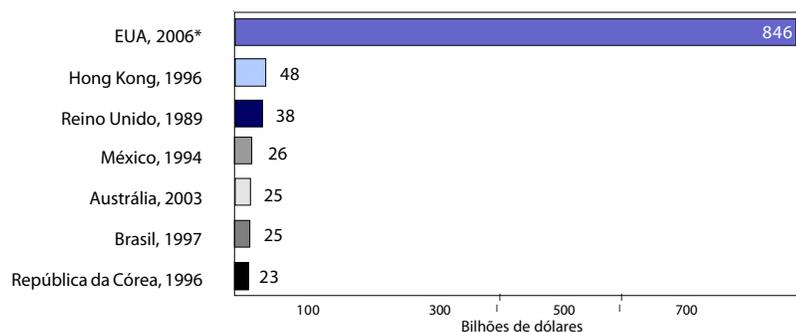
Por que esta tendência é preocupante? Não deveria haver um equilíbrio entre os superávits e os déficits globais? Sim, de um ponto de vista contábil. Enquanto países com grandes déficits têm de recorrer ao estrangeiro para se financiarem, países com grandes superávits, de modo correspondente, têm dinheiro extra para investir no estrangeiro. Porém, em termos práticos, os países com déficits podem ter problemas em obter suficientes empréstimos, assim como os países superavitários podem encontrar dificuldades em obter uma alta taxa de retorno nos seus investimentos.

A pouco saudável economia dos EUA impõe graves riscos globais: ou o dólar americano deve ser drasticamente desvalorizado, para reduzir o déficit da balança de pagamentos, ou as taxas de juros nos EUA têm de aumentar substancialmente, de modo a garantir a atração de investimento estrangeiro. Ou ainda, as duas medidas podem ser simultaneamente implementadas.

Os movimentos normais das taxas de câmbio e das taxas de juros, num contexto de baixos déficits e de superávits, podem ser suficientes para corrigir os desequilíbrios globais. Porém, movimentos mais drásticos, que provavelmente desestabilizariam os mercados financeiros globais, podem ser necessários para reduzir o déficit em conta corrente dos EUA – de aproximadamente 850 bilhões de dólares americanos, segundo a projeção para 2006. Tal déficit é, sem dúvida, o maior valor já registrado (ver gráfico).

Uma solução mais favorável para o déficit americano requer uma coordenação da política internacional. As 'forças de mercado' não resolverão o problema – a não ser que obriguem um devastador e abrupto ajustamento. A devoradora demanda americana por bens e serviços globais estimula, para o bem e para o mal, o crescimento de muitas outras economias. Mas esta demanda tem de ser abrandada – de preferência, gradualmente – a fim de corrigir os desequilíbrios globais. Na ausência de uma resposta internacional coordenada, a economia estadunidense pode entrar em recessão, destabilizando, assim, o resto do mundo.

Maiores Déficits Mundiais em Conta Corrente desde 1970



* Déficit dos EUA para 2006 é o resultado de uma extrapolação a partir dos números dos primeiros dez meses do ano.



Os atuais desequilíbrios globais não só impõem graves riscos, como também causam flagrantes desigualdades na distribuição dos recursos mundiais. O capital está fluindo para os países ricos – preponderantemente para um país rico, os EUA. Uma clara ilustração dessa desigualdade é a média dos déficits americanos nos últimos anos, que tem sido três vezes superior ao total do Produto Interno Bruto da África Subsaariana.

O dinheiro que vem sendo investido nos EUA por muitos países de rendimento médio poderia contribuir mais com o desenvolvimento caso fosse redirecionado aos países pobres, ou mesmo mantido nesses países de renda média. Assim, uma vez que bens e serviços estariam disponíveis domesticamente, a população de tais países disfrutaria de um melhor nível de vida.

Atualmente, a população dos EUA desfruta de um nível de vida seis vezes superior à sua renda, graças ao gigantesco e contínuo fluxo de capitais originários de outros países. Em termos globais, os EUA estão se tornando um país ‘altamente devedor’.

Quando um país mantém um déficit externo, importantes setores da economia têm de gastar mais do que recebem. Nos EUA, o setor mais evidente é o pessoal. Seduzidos por uma real valorização imobiliária e pelos crescentes valores da bolsa, e motivados pelas baixas taxas de juros, as famílias americanas tomaram emprestado mais de seis por cento da renda nacional nos últimos anos. Tal prodigalidade não pode ser sustentada indefinidamente.

Baseadas efetivamente em empréstimos de outros países, as famílias americanas têm monopolizado bens e serviços que teriam impactos mais importantes no bem-estar humano global caso fossem consumidos em países mais pobres. Além disso, a economia americana desfruta de um monumental influxo de recursos financeiros, que poderia ser investido no desenvolvimento de países de baixa e média renda, onde a taxa social de retorno é mais alta.

Uma vez que os EUA estão aproveitando os frutos desse injusto desequilíbrio nos fluxos de recursos, eles estão pouco motivados a corrigi-lo. Um colapso iminente da economia americana é, provavelmente, o principal fator que incitaria reação dos políticos nacionais. Uma solução alternativa, benéfica a todos, residiria em um esforço coordenado dos países desenvolvidos e dos países em vias de desenvolvimento no estímulo à demanda doméstica de outras regiões, que não os EUA.

Políticas de estímulo à demanda doméstica na Europa e no Japão ajudariam a compensar o abrandamento da demanda americana. Favorecer de forma substancial à demanda, em particular o investimento interno, em países em vias de desenvolvimento, seria uma prioridade para atingir uma solução eqüitativa. Para tais países, que atualmente carecem de recursos para o desenvolvimento, como, por exemplo, para os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, uma maior coordenação de políticas não é um ideal irrealista. É uma necessidade urgente.

O **Centro Internacional de Pobreza** (CIP) é um projeto conjunto do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e do Governo Brasileiro, que tem como finalidade a promoção da Cooperação Sul-Sul em pesquisa aplicada e treinamento sobre temas relacionados à pobreza. O CIP se especializa na análise dos temas da pobreza e da desigualdade e na provisão de recomendações para a formulação de políticas direcionadas à redução da pobreza. O CIP é diretamente vinculado ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o qual elabora pesquisas no âmbito do Governo Brasileiro, e ao Bureau for Development Policy, PNUD.

O CIP publica Working Papers, Policy Research Briefs, edições da revista *Poverty in Focus*, One Pagers e Country Studies.

Para informações adicionais e acesso às publicações do CIP:

www.undp-povertycentre.org